

# EDGAR ALLAN POE E JAMES THURBER: UM DIÁLOGO BAKHTINIANO

Lourdes Bernardes Gonçalves<sup>1</sup>

## Resumo

*Todo texto, segundo Mikhail Bakhtin, é construído a partir da absorção e transformação de outros textos. As leituras de um texto, portanto, podem ser tantas quantas forem seus leitores, pois cada um trará para o texto seus textos anteriores. O novo texto dialoga com eles e se enriquece com novas dimensões. Em “Sr. Preble se livra da mulher”, de Thurber, vemos que “O gato preto” de Poe traz para a história de Thurber um novo interesse e proporciona uma nova percepção, contribuindo para reforçar-lhe o humor.*

**Palavras-chave:** dialogismo; leituras; humor.

## Abstract

*Any text, according to Mikhail Bakhtin, is constructed from the absorption and transformation of other texts. The readings of a text, therefore, may be as many as there are readers, as each reader will bring into it his own previous texts. The new text will establish a dialogue with them and get richer with new dimensions. In Thurber’s “Mr. Preble gets rid of his wife” we observe that Poe’s “The black cat” brings into Thurber’s story a new interest and provides a new perception, contributing to enhance its humour.*

**Key words:** dialogism; readings; humour.

Mikhail Bakhtin considera que um texto é concebido como um tecido de muitas vozes. Nenhum texto pode ser lido sem que várias outras influências se manifestem. A bagagem literária, o conhecimento de mundo e as expe-

riências pessoais do leitor são consideradas por ele como textos sempre trazidos para o texto novo, fazendo com que a leitura seja um acontecimento original e particular para cada leitor. Júlia Kristeva chamou esse fenômeno de intertextualidade; Bakhtin preferiu chamar de dialogismo, porque na verdade o que ocorre é um verdadeiro diálogo de textos que se complementam e interferem uns com os outros. Neste trabalho vamos ver como o texto “O gato preto”<sup>2</sup>, um conto de Edgar Allan Poe, dialoga com “Sr. Preble se livra da mulher”<sup>3</sup>, conto de James Thurber, dando a este último uma nova dimensão.

O enredo do conto de Poe é bastante conhecido, e o trecho relevante para esta análise consiste basicamente de um parágrafo:

*Certo dia ela me acompanhou, para alguma tarefa doméstica, até a adega do velho prédio que nossa pobreza nos compelira a ter de habitar. O gato seguiu-me pelos degraus abaixo e, quase me lançando ao chão, exasperou-me até a loucura. Erguendo um machado, e esquecendo, na minha cólera, o medo pueril que tinha até ali sustido minha mão, descarreguei um golpe no animal, que teria, sem dúvida, sido instantaneamente fatal se eu o houvesse assestado como desejava. Mas esse golpe foi detido pela mão de minha mulher. Levado, por essa intervenção, a uma raiva mais do que demoníaca, librei meu braço do seu aperto e enterrei o machado no seu crânio. Ela caiu morta no lugar, sem um gemido.*<sup>4</sup>(POE, 69)

O enredo do conto de Thurber é simples. Sr. Preble, um advogado de meia idade, sempre brincava com a estenógrafa sobre um dia fugir com ela. Num segunda-feira

<sup>1</sup> Professora Assistente, Depto Letras Estrangeiras, UFC, mestre.

<sup>2</sup> Esta e todas as traduções do conto “The black cat” encontradas neste trabalho são da autoria de José Paulo Paes, in POE, 1958.

<sup>3</sup> Esta e todas as traduções do conto “Mr. Preble gets rid of his wife” encontradas neste trabalho são da autora.

<sup>4</sup> One day she accompanied me, upon some household errand, into the cellar of the old building wih our poverty compelled us to inhabit. The cat followed me down the steep stairs, and, nearly throwing me headlong, exasperated me to madness. Uplifting an axe, and forgetting, in my wrath, the childish dread which had hitherto stayed my hand, aimed a blow at the animal which, of course, would have proved instantly fatal had it descended as I wished. But the blow was arrested by the hand of my wife. Goaded, by the interference, into a rage more than domoniacal, I withdrew my arm from her grasp and buried the axe in her brain. She fell dead upon the spot, without a groan. (SYMONS, 1977)

chuvosa convida a mulher, desagradável e autoritária, para descer com ele ao porão. Ela se nega e ele reclama: *as mulheres dos outros descem ao porão. Por que é que você nunca quer fazer nada?*<sup>5</sup> A alusão a *mulheres dos outros* traz à mente do leitor uma outra mulher, que teve seu crânio rachado ao descer ao porão. Surge a pergunta: a Sra. Preble estaria arriscando a vida ao acompanhar o marido? Preble termina por revelar sua intenção: *'Ouça,' disse o Sr. Preble, levantando-se num repente. 'É melhor dizer a verdade que ficar com rodeios. Quero me livrar de você para casar com minha estenógrafa.'*<sup>6</sup> A reação da esposa é inesperada. Muito calma, diz que já imaginava o que ele queria: *'Eu sabia desde o início que você queria que eu descesse para me enterrar lá.'*<sup>7</sup> É interessante observar o uso da palavra *enterrar* em vez de *matar*, que remete o leitor ao narrador de Poe: *resolvi cavar uma cova para ele [o corpo] no chão da adega.*<sup>8</sup> (POE, 70) A alusão ao destino da mulher no conto de Poe se une ao título do conto de Thurber para reforçar o sinistro e o leitor se questiona por que a Sra. Preble não estaria com medo. O marido revela até que pretexto daria se alguém perguntasse por ela: *'Ia dizer a ela [à estenógrafa] que você tinha ido visitar amigos e caiu de um rochedo.'*<sup>9</sup> Aí também pode-se perceber a influência de Poe: *Alguns interrogatórios foram feitos mas tinham sido prontamente repondidos.*<sup>10</sup> (POE, 71)

O tom do conto de Thurber é extremamente irônico. O supremo insulto que a mulher faz ao marido é achá-lo tão inofensivo que mesmo quando ele mostra a clara intenção de matá-la ela não tem medo e critica acidamente sua incompetência, em observações como: *'Você não imagina que será apanhado, seu louco?'* disse ela<sup>11</sup>; ou: *'Escute,' gritou a Sra. Preble, abandonando seu livro, 'você ficaria satisfeito e sealaria se eu descesse ao porão? Será que eu poderia ter um pouco de paz, se eu descesse ao porão? Você*

*me deixaria em paz?'*<sup>12</sup> À última pergunta se segue: *'Sim,' disse o Sr. Preble. 'Mas você estraga tudo com essa atitude.'*<sup>13</sup> O que indica que ele precisa da credulidade da esposa até para acreditar em si mesmo.

Já no porão, a Sra. Preble faz uma alusão a *outros maridos*, como se houvesse um código de comportamento relativo a se levar esposas para serem assassinadas no porão: *'Está frio aqui em baixo! Só você para pensar nisso, nesta época do ano! Qualquer outro marido teria enterrado sua mulher no verão.'*<sup>14</sup>

A certeza de que o Sr. Preble não é capaz de cometer um assassinato vai ficando clara para o leitor à medida que a Sra. Preble vai apontando todas as deficiências do plano do marido, terminando por questionar até a arma do crime. Quando ela o vê segurando uma pá, e pergunta a utilidade dela, ele responde: *'Eu ia bater em sua cabeça com esta pá.'*<sup>15</sup> A resposta vem violenta: *'Você ia, hein?'* disse a Sra. Preble. *'Bem, tire isso de sua cabeça. Você quer deixar uma grande prova do crime bem aqui, no meio de tudo, onde o primeiro detetive que vier bisbilhotar vai encontrá-la? Vá para a rua e ache algum pedaço de ferro, ou qualquer coisa – alguma coisa que não lhe pertença.'*<sup>16</sup>

Novamente temos a interferência do texto de Poe, no que se refere à presença dos policiais: *No quarto dia após o assassinato, chegou bastante inesperadamente, à casa, um grupo de policiais, que procedeu de novo a rigorosa investigação do recinto.*<sup>17</sup>(POE, 71)

A prova final que sua mulher não acredita nos seus ímpetos assassinos e não mostra medo algum é o comentário dela quando o Sr. Preble sai à procura da ideal “arma do crime”: *'Não ouse parar na tabacaria. Eu não vou ficar aqui em baixo, neste porão frio, toda a noite e congelar.'*<sup>18</sup> O último comentário dela é: *'E feche a porta quando sair!'* ela gritou para ele. *'Onde você nasceu – num estábulo?'*<sup>19</sup>

<sup>5</sup> Other people's wives go down in the cellar. Why is it you never want to do anything? (HOGGINS, 195)

<sup>6</sup> 'Listen', said Mr. Preble, leaping to his feet. 'I might as well tell you the truth instead of beating around the bush. I want to get rid of you so I can marry my stenographer.' (HOGGINS, 195)

<sup>7</sup> 'I knew all along you wanted to get me down there and bury me.'

<sup>8</sup> I resolved to dig a grave for it in the floor of the cellar. (SYMONS, 197)

<sup>9</sup> 'I was going to tell her you had gone to visit some friends and fell over a cliff' (HOGGINS, 195)

<sup>10</sup> Some few inquiries had been made, but these had been readily answered (SYMONS, 198)

<sup>11</sup> 'Don't you suppose you would get caught, you crazy thing?' she said. (HOGGINS, 196)

<sup>12</sup> 'Listen,' cried Mrs. Preble, throwing her book down, 'will you be satisfied and shut up if I go down in the cellar? Can I have a little peace if I go down in the cellar? Will you let me alone then?' (HOGGINS, 196)

<sup>13</sup> 'Yes,' said Mr. Preble. 'But you spoil it by taking this attitude.' (HOGGINS, 196)

<sup>14</sup> 'It's cold down here! You would think of this, at this time of year! Any other husband would have buried his wife in the Summer. (HOGGINS, 196)

<sup>15</sup> 'I was going to hit you over the head with this shovel.' (HOGGINS, 196)

<sup>16</sup> 'You were, huh?' said Mrs. Preble. 'Well, get that out of your mind. Do you want to leave a great big clue right here in the middle of everything where the first detective that comes snooping around will find it? Go out in the street and find some piece of iron or something - something that doesn't belong to you.' (HOGGINS, 196)

<sup>17</sup> [...] upon the fourth day of assassinatío, a party of the police came, very unexpectedly, into the house, and proceeded again to make rigorous investigation of the premises. (SYMONS, 198)

<sup>18</sup> 'Don't you dare stop in at the cigar store. I'm not going to stand down here in this cold cellar all night and freeze.' (HOGGINS, 196)

<sup>19</sup> 'And shut the door behind you!' she screamed after him. 'Where were you born – in a barn?' (HOGGINS, 196)

E nesta nota termina o conto. O leitor percebe toda a ironia da cena, o que evita que ele se quede perplexo diante do medo da Sra. Preble da friagem e sua coragem ao se defrontar com a possibilidade de seu assassinato. Com a imagem trágica da mulher assassinada e emparedada no conto de Poe, o leitor tende a se sentir, ainda que ligeiramente, desconfortável com o fato da Sra. Preble descer ao porão, explicitamente ameaçada de morte, o que contribui para a realização da grande ironia, representada entre palavras e ações.

A linguagem literária deve ser lida pelo menos como dupla; se for levantado o sentido linear de um texto, logo emergirá outro, correlacionado com ele. No texto de Thurber reconhecem-se dois níveis de discurso. No literal, o enredo permanece inacabado no que se refere à próxima ação de Preble. No nível irônico, temos uma ação perfeitamente definida: a impossibilidade do crime fica explícita a partir da definição de personalidade de Preble por sua esposa.

É no nível do discurso irônico que se dá a relação de paródia entre os textos de Poe e Thurber. Bakhtin reconhece a paródia como uma forma de dialogismo: o interlocutor procura repetir a afirmação do outro texto, dando-lhe uma nova entonação de ironia e deboche, evi-

denciada nas falas da Sra. Preble, a partir do momento em que Preble formula seu convite.

Assim, o texto de Thurber se enriquece e ganha novas dimensões através do diálogo. Intertextualmente, quando a paródia expõe a ironia e traz para a mente do leitor possibilidades sombrias; e intratextualmente, quando o diálogo do literal e do irônico envolvem o leitor, reclamando dele uma participação ativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1993) *Questões de literatura e estética: teoria do romance*: São Paulo, Editora UNESP, 3ª ed.
- POE, E. A. (1958) *Histórias extraordinárias*. São Paulo, Cultrix. Tradução de José Paulo Paes.
- STAM, R. (1992) *Bakhtin: da teoria à cultura de massa*. São Paulo, Editora Ática.
- SYMONS, J. (ed.) (1980) *Edgar Allan Poe: selected tales*. Oxford, Oxford University Press.
- THURBER, J. (1973) Mr. Preble gets rid of his wife. In HOGINS, J. B. (ed.) *Literature*. Chicago, Science Research Associates, Inc.